

A METÁFORA CONCEPTUAL RAZÃO É VOZ NA INSTANCIÇÃO DE CONSTRUÇÕES INTERRUPTIVO- ARGUMENTATIVAS

Flávia Saboya da Luz Rosa
Doutorado/UFF

Orientador: Mariângela Rios de Oliveira

Introdução

Em estudos recentes, atentamos para a correspondência semântica entre muitas expressões convencionalizadas no português brasileiro, tais como “quem cala consente”, “morder a língua”, “calar a boca de alguém”, “ficar sem palavras”, “não ter o que dizer”, “deixar alguém de boca aberta”, entre outras. Percebendo que estas poderiam apontar para uma relação - compartilhada socialmente - entre a aptidão de avaliar algo com bom senso e o ato de manifestar-se oralmente, propusemo-nos a investigar uma possível representação sociocognitiva que licencie esse padrão observado na língua em uso.

Neste artigo, portanto, pretendemos apresentar a hipótese de que há uma metáfora conceptual por nós definida, até o momento, como *Razão é Voz*, que não só motiva a criação e a convencionalização de expressões conforme as supracitadas como também possibilita realizações não linguísticas a ela vinculadas.

Propomos, ainda, que a figura de pensamento mencionada licencie ou favoreça o uso de construções interruptivo-argumentativas - objeto central da pesquisa de doutorado -, formadas por sintagmas verbais (SV), nominais (SN), interjetivos (SI), entre outros, seguidos de pronome locativo (Loc). Essas construções, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), exercem função pragmática de marcador discursivo, de modo que o falante interrompe o turno de seu interlocutor para introduzir um argumento que, em geral, considera mais correto ou mais verdadeiro que o dele. Por essa razão, admitimos, também, que a metáfora conceptual *Razão é Voz* exerça o papel de uma

espécie de filtro lexical na formação das construções interruptivo-argumentativas, como *espera aí/lá; escuta aqui; desculpa aí/lá; calma aí/lá e alto lá*.

A partir desse entendimento, apresentaremos a fundamentação teórica de cunho cognitivo-funcional que orienta este estudo; a metodologia praticada na composição do *corpus* a partir da coleta das expressões em foco na revista *Veja on-line*; a análise dos dados e, por fim, as considerações finais sobre as hipóteses aqui apontadas.

Fundamentação teórica

O conceito de metáfora tem sofrido transformações ao longo do tempo. Tida, sob uma ótica tradicional, como ornamento ou artifício retórico e recurso empregado na poesia, a metáfora era estritamente vinculada a funções no campo linguístico, sem que fossem consideradas relações no âmbito do pensamento ou da ação. Segundo Vereza (2012), a partir da formalização da teoria de base cognitivista sobre o conceito de metáfora conceptual, postulado por Lakoff e Johnson (1980), a metáfora adquire estatuto de figura de pensamento, situando-se em uma dimensão conceptual ou cognitiva. Nesse sentido, há o entendimento de que as experiências são elaboradas cognitivamente a partir de outras já existentes, havendo, assim, a projeção de uma experiência já incorporada e linguisticamente determinada a outra que deverá ser mapeada pelo pensamento e pela linguagem.

A metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, por meio do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza. Os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões do intelecto. Eles governam também a nossa atividade cotidiana até nos detalhes mais triviais. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas. Tal sistema conceptual desempenha, portanto, um papel central na definição de nossa realidade cotidiana. (Lakoff; Johnson, 2002, p. 45-46).

No entanto, nosso sistema conceptual, normalmente, não é percebido num processo consciente e, na maioria das vezes, os pensamentos e ações ocorrem de forma quase automática, sem nos darmos conta de que há certas diretrizes de conduta por trás deles.

A linguagem, então, de acordo com Vereza (2012, p. 52-53) “desempenha um papel determinante na reificação da metáfora” estabelecendo uma relação direta entre pensamento, linguagem e realidade. “Assim, a linguagem, e não só o pensamento, é objeto de análise dentro da teoria de Lakoff e Johnson, uma vez que apresenta marcas – explícitas ou não – das metáforas que a constituem.”

Com base nesses pressupostos, entendemos que a metáfora *Razão é Voz* é evidenciada por intermédio de expressões cristalizadas no português brasileiro: a) “ela subiu na vida e calou a boca de todo o mundo”; b) “após a sua argumentação, fiquei sem palavras”; c) “o que diz sobre ela é uma calúnia, você ainda vai morder a língua” etc.

Levando em conta a polissemia dos termos que definem a metáfora proposta, é importante delimitar as acepções consideradas neste trabalho. *Razão* é aqui entendida como a capacidade de avaliar com correção, com discernimento, apresentando bom senso, juízo, isto é, o poder de realizar um julgamento correto e equilibrado, distinguindo o verdadeiro do falso, o bom do mau etc. E o termo *voz* deve ser interpretado como o conjunto dos sons produzidos pelas vibrações das pregas vocais sob pressão do ar que percorre a laringe e que permite a fala, aquilo que se exprime por palavras (HOUAISS, 2009). Sendo assim, a *voz*, relacionada à experiência sensório-motora representa o domínio fonte - mais concreto - de projeção de sentido direcionada ao domínio alvo - mais abstrato -, designado pela *razão*.

Em cada um dos exemplos anteriormente mencionados, está presente a ideia de que aquele que não é capaz de discernir/avaliar com correção/bom senso/verdade deve calar-se. Logo, a voz, ou o direito de fala, parece ser algo concedido ao detentor da razão. Em *a*, depreende-se que havia um grupo de pessoas esperando que determinada mulher fracassasse, e tal expectativa certamente era verbalizada. No entanto, ela surpreende esse grupo, deixando-o em silêncio, sem o direito de prosseguir com os comentários evidentemente equivocados. De modo semelhante, em *b*, o falante se declara inapto a avaliar algum assunto de forma mais acertada que seu interlocutor e cessa o seu enunciado. Nesse caso, o silêncio é evidenciado por meio da expressão metafórica “fiquei sem palavras”. Igualmente, em *c*, compreende-se que alguém faz afirmações falsas a respeito de um indivíduo e, ao constatar o equívoco ou difamação intencional, poderá ser impelido a calar-se. É válido mencionar a amplitude semântica da expressão metafórica “morder a língua”, que sugere não só a interrupção da fala daquele que não tem razão como também a experimentação de consequências por conta

de sua calúnia. À metáfora conceptual articulam-se mitos, crenças e pressupostos culturais:

Se a metáfora é uma forma de conceptualizar o mundo e, por consequência, ela modela nosso modo de agir, esse mundo é, inegavelmente, do tamanho da nossa cultura, ou seja, conceptualizamos o mundo e nele agimos de acordo com as nossas crenças, costumes e tradições, isto é, de acordo com uma “vasta bagagem de pressuposições culturais” (Lakoff; Johnson, 2002, p. 128).

Kövecses (2006 apud Bronzato, 2012) admite existir onze elementos interagentes que gerenciam a criação de metáforas conceptuais. Dentre esses componentes, que situam a metáfora como fenômeno linguístico, conceptual, sociocultural, neural e cororal, estão as manifestações não linguísticas das metáforas, observadas nas práticas sociais. No que se refere à metáfora conceptual *Razão é Voz*, podemos verificar uma de suas realizações não linguísticas na prática de jogadores de futebol que, inicialmente vaiados pela torcida, seja a do próprio time ou a do adversário, ao fazerem o gol, correm em direção a ela e fazem o sinal de silêncio, levando um dos dedos indicadores ao encontro dos lábios.

Divulgação/Fluminense



Figura 1: Kenedy faz gol de empate do Flu e manda torcida se calar.

A foto mostra o momento em que Kenedy, então jogador do Fluminense, faz o gol de empate no jogo do tricolor contra o Cruzeiro, durante o Campeonato Brasileiro de

2014, corre em direção à arquibancada e faz sinal de silêncio para a torcida pó de arroz. O atleta, acionado para entrar em campo aos 32 minutos do segundo tempo, ouviu vaias antes mesmo de começar a jogar. A torcida manifestou a sua discordância em relação à substituição feita pelo técnico, duvidando, certamente, de que a entrada de Kenedy na partida fosse a escolha mais acertada a se fazer. Ao marcar o gol de empate e salvar o Flu de uma derrota, o jogador, ofendido, manda a torcida se calar. O gesto, bastante comum no futebol, em casos de contraexpectativa como esse, aponta para a ideia, socialmente compartilhada, de que a voz é vedada àqueles que não têm razão. A enunciação oral é, portanto, culturalmente entendida como um direito daquele que tem bom senso.

Em se tratando do mapeamento entre os domínios fonte e alvo, entendemos, conforme Vereza (2012, p. 61), que o jogo de intercruzamentos de experiências discursivas efetivado pela metáfora, em especial a metáfora nova, implica seleção de atributos do domínio-fonte: "Não é um caso de ver semelhanças [...], como propõe Aristóteles, mas de perceber, a partir do contexto geral, quais atributos do domínio-fonte seriam relevantes para aquela situação enunciativa específica." Segundo a autora, o domínio-fonte apresenta relações metonímicas com alguns de seus aspectos ao ser referido a partir deles. No que se refere à metáfora conceptual *Razão é Voz*, detectamos, em princípio - visto que este artigo apresenta um estudo ainda embrionário a ser desenvolvido nos próximos anos - alguns atributos do domínio-fonte *voz* tais como destaque comunicativo, eloquência, transmissão de conteúdo etc. Assim, existe a tendência de que a *razão*, validada numa comunidade linguística, seja manifestada por meio de algumas dessas características.

Com relação à função pragmático-discursiva das construções interruptivo-argumentativas, entendemos que a interrupção é uma maneira de silenciar, calar o interlocutor para que a verdade, a razão, na visão do enunciador, se instaure no discurso. Levantamos a hipótese, portanto, de que a metáfora conceptual *Razão é Voz* atue como uma espécie de filtro lexical no preenchimento de *slots* das construções, consideradas pareamentos de forma e significado, nos termos de Traugott e Trousdale (2013). Assim, a escolha de *esperar*, *(ter) calma*, *desculpar* (interrupção modalizada) etc. para cortar o discurso do interlocutor estaria vinculada à noção, compartilhada na sociedade linguística, de que a voz é reservada ao detentor da razão. Propomos também que essa

metáfora, manifestada explicitamente na língua ou não, favoreça o uso das construções. Tomemos como exemplo a canção "Alto lá", de Zeca Pagodinho:

Eu soube Que você anda falando Que eu vivo implorando Prá voltar ao nosso lar	Reprodução do argumento do interlocutor
Alto Lá!	Construção interruptivo-argumentativa
Guarde a língua na boca	Metáfora linguística > metáfora conceptual "Razão É Voz"
Sua verdade é tão pouca Como pode ter razão Se foi você Quem me pediu perdão Se foi você Quem me pediu perdão	Argumento do locutor

O fragmento da música aponta para a ideologia, muitas vezes implícita no ato discursivo, de que aquele que tem a capacidade de avaliar corretamente tem o direito de manifestar opinião e, conseqüentemente, quem não pode discernir entre certo e errado, entre verdadeiro ou falso etc. não deve apresentar suas ideias, isto é, deve calar-se. Desse modo, a metáfora explícita na música, "guarde a língua na boca", pode ser uma instanciação da metáfora conceptual *Razão é Voz*, que por sua vez favorece a uso da construção interruptivo-argumentativa *alto lá*.

Metodologia

A escolha de um veículo jornalístico para composição do *corpus* se deu devido à compreensão de que a mídia tem sido a principal formadora de opinião das sociedades e, assim, poderia corroborar as hipóteses aqui apontadas. Dessa forma, entendemos que uma revista de grande prestígio no país poderia fornecer indícios da existência de uma ideologia coletiva, ou seja, de uma perspectiva partilhada pela comunidade linguística do português brasileiro, em torno da figura de pensamento *Razão é Voz*.

Para realizar essa análise, buscamos expressões com termos relacionados ao domínio-fonte *voz* por extensão metonímica, tais como *boca*, *língua*, *palavra* etc. Devido ao alto número de ocorrências das expressões em foco encontradas nos arquivos da revista Veja on-line, (*calar a boca* + flexões do verbo: 2474; *ter/não ter o*

que dizer + flexões do verbo: 1137; *quem cala consente*: 532; *morder a língua* + flexões do verbo: 145; *ficar/deixar sem palavras* + flexões dos verbos: 120) foram consideradas, para este trabalho, as dez primeiras ocorrências. Na análise de dados, de viés quantitativo e sobretudo qualitativo, será apontado o número de ocorrências, entre as dez analisadas, que correspondem, a nosso ver, a instanciações da metáfora conceptual *Razão é Voz*.

Foram descartadas as expressões em uso literal, do tipo "João mordeu a língua e acabou sangrando". A expressão *ficar/deixar de boca aberta*, também pesquisada na revista, apresentou, nas dez primeiras ocorrências, ou sentido literal ou sentido metafórico relacionado à surpresa, logo não foi analisada neste artigo. A expressão *ter/não ter o que dizer* só foi considerada quando precedia termos do tipo *diante de, a respeito de, sobre* etc., pois a ausência destes, de modo geral, denota apenas estado de surpresa e não falta de argumento, associado à "perda" da razão.

Dados da revista Veja on-line

1. Acabei de assistir. Ótimo programa. Adorei quando você perguntou o que havia de errado em ser alguém da classe média e protestar. **Calou a boca** dos "classe médias" presentes. Agora Augusto, dá um curso para os seus colegas da Folha/El País de como fazer perguntas simples e depois, e principalmente, deixar o entrevistado responder. Tem jornalista que não se contenta em entender menos do assunto que o entrevistado!

2. Como o governo **não tem o que dizer** sobre o caso Palocci, então diz bobagem. Hoje foi a vez de José Eduardo Cardozo, ministro da Justiça, numa audiência pública na Câmara: "Há muita especulação sobre o patrimônio de Palocci". Especulação?

3. O ex-presidente não ousou dizer uma só palavra em público sobre a reportagem da VEJA, segundo a qual a reforma de seu sítio, registrado em nome de dois testas-de-ferro, foi paga em dinheiro vivo pelo presidente da OAS, preso pela operação que lava a jato a alma do país. Sim: dinheiro vivo como o do petrolão e do mensalão, do qual o petista foi o maior beneficiário. [...] Desesperado, ele prefere mexer os pauzinhos nos bastidores, até mesmo para descobrir o quanto já descobriram dele. **Quem cala consente**, companheiro.

4. - Bolsonaro candidato a presidente? É uma piada, mesmo. Piada! [...]

- Bolsonaro presidente. Cuidado para não **morder a língua** caro jornalista. Não há problema algum na família Bolsonaro, estão todos na política,mas foram eleitos de forma democrática.

5. Caro Reinaldo,

sua “Lição de política” certamente **deixou sem palavras** um “sem número” de desafetos; não pelo conteúdo da lição per si, mas pela análise crítica e não-partidária apresentada.

[...]

Por favor, continue nos informando em “outras áreas” que não apenas esse triste e vergonhoso processo eleitoral.

P.S.: aguardo com ansiedade o sábado.

Os trechos apresentados anteriormente, retirados da revista *Veja* on-line, contêm expressões consideradas instanciações da metáfora conceptual *Razão é Voz*. Nas primeiras ocorrências encontradas e selecionadas para análise, entendemos que 8/10 usos de *calar a boca de alguém*, 4/10 de *ter/não ter o que dizer*, 10/10 de *quem cala consente*, 4/10 de *morder a língua* e 5/10 de usos de *ficar/deixar sem palavras* estão relacionadas ao compartilhamento sociocultural de que a voz seja um “bem” ou um direito do detentor da razão.

No exemplo 1, segundo o leitor da revista, o jornalista “cala a boca” do grupo dos “classe médias” ao apresentar um bom argumento por meio da pergunta retórica: o que há de errado em ser alguém da classe média e protestar?. No fragmento 2, o governo é acusado de “não ter o que dizer” sobre o caso Palocci, isto é, de não ter argumentos, justificativas em relação ao tema central do problema, e apesar de calar-se nesse sentido, faz comentários periféricos e vagos acerca do caso. Em 3, o trecho inicial “O ex-presidente não ousou dizer uma só palavra em público sobre a reportagem” corrobora a ideia do leitor da revista de que Lula se cala por não ter razão. O enunciador vale-se, então, da expressão cristalizada no português brasileiro “quem cala consente”, concluindo que o petista está sem voz por estar errado e que, conseqüentemente, os comentários a seu respeito são verdadeiros. Na ocorrência 4, o leitor mostra-se contrário à declaração do jornalista sobre a candidatura de Bolsonaro, prevendo que, caso ocorra um evento de contraexpectativa, ele possa não só calar a sua afirmação pejorativa como também até sofrer conseqüências desagradáveis por conta dela. Em 5, a leitora da revista acredita que o jornalista tenha deixado “sem palavras” alguns de seus desafetos por apresentar uma espécie de lição de moral, mencionada por ela sob o trocadilho de “lição de política”. E como toda lição, no sentido de ensinamento, a análise crítica do

profissional seria dotada de razão e verdade, deixando os "aprendizes" em silêncio. A partir dessas análises, observemos o exemplo a seguir também retirado da Veja on-line:

6. Xequê manda apresentadora de TV 'calar a boca' e ela interrompe entrevista

[...] a apresentadora o interrompeu para advertir sobre o tempo limitado para a conversa. De forma grosseira, o entrevistado disse: "**Escuta aqui**, não me interrompa. Eu vou responder do jeito que eu quiser. Que tipo de comportamento é esse?". Rami reiterou sua preocupação com o tempo e o xequê apelou: "Acabou? Então **cale a boca para que eu possa falar**".

No fragmento 6, em que a construção *escuta aqui* aparece na função de marcador discursivo interruptivo-argumentativo, podemos perceber algumas marcas linguísticas que nos conduzem à ideia de cessação da fala da repórter para que o entrevistado exponha os seus argumentos, a sua "verdade". São exemplos dessas marcas o emprego de expressões com os verbos *interromper*, *responder* e, sobretudo, a sequência "cale a boca para que eu possa falar". Aí estão manifestações linguísticas que nos direcionam à metáfora conceptual *Razão é Voz* como elemento estimulador, responsável pelo contexto favorável ao emprego das construções interruptivo-argumentativas.

Considerações Finais

Neste artigo, não temos a pretensão de apresentar resultados fechados para as hipóteses propostas, mas sim a intenção de apontar caminhos para a pesquisa que será desenvolvida nos próximos anos. Percebemos que há expressões convencionalizadas no português brasileiro tais como *calar a boca de alguém*, *ter/não ter o que dizer*, *quem cala consente*, *morder a língua*, *ficar/deixar sem palavras*, que podem ser instanciações da metáfora conceptual *Razão é Voz*. Dessa forma, haveria uma ideologia, compartilhada socioculturalmente, de que a *voz* é um recurso destinado aos detentores da razão e, de modo contrário, aqueles que não apresentam discernimento para avaliar com correção, bom senso e verdade estariam fadados ao silêncio. Observamos ainda que a metáfora conceptual *Razão é Voz* pode ser um contribuinte na escolha lexical para formação das construções interruptivo-argumentativas. Além disso, essa figura cognitiva, cujo *locus* é o pensamento, parece ser um favorecedor do uso dessas

construções como marcadores discursivos utilizados para silenciar o interlocutor e introduzir uma argumentação considerada mais acertada.

REFERÊNCIAS

BRONZATO, Lucilene Hotz. O segredo do sucesso que a gramática e a metáfora não escondem. In: VEREZA, Solange (Org.). *Sob a ótica da metáfora: tempo, conhecimento e guerra*. Niterói: Editora da UFF, 2012.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

LAKOFF, George; Johnson, Mark. *Metaphors we live by*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

_____. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução do Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM), coord. Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

VEREZA, Solange. Trajetórias da metáfora: retórica, pensamento e discurso. In: VEREZA, Solange (Org.). *Sob a ótica da metáfora: tempo, conhecimento e guerra*. Niterói: Editora da UFF, 2012.

TRAUGOTT, Elizabeth-Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.